

Entre vazios e cheios: cartografias da anorexia

*Between full and empty:
cartographies of anorexia*

Tiago Amaral Sales

Resumo

Este texto consiste em pensamentos, dobras e reflexões acerca da anorexia e de outros processos associados ao corpo e à comida. Utilizo a cartografia para realizar esta escrita, em diálogo com autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, Judith Butler, Michel Foucault e Sílvio Gallo. Seguem-se linhas produzidas pelas marcas, atravessando territórios da anorexia por entre vazios e cheios, conectando experiências pessoais, arte, filosofia, e... em devires permeados por afetos. Inicialmente, reflito sobre um fazer cartográfico que acontece pelo corpo e pelas marcas; em seguida, traço um relato autobiográfico relacionado à anorexia; depois, penso na anorexia em diálogos com Deleuze e Parnet; na continuidade, trago alguns devires vividos pelo encontro com obras do artista Susano Correia; por fim, penso em escapes possíveis para o cuidado de si, da vida e do outro, em fuga dos processos de despotencialização do corpo, refletindo, em ziguezagues, em possibilidades de viver e de re-existir.

Palavras-chave

Corpo, Comida, Filosofia da Diferença.

Abstract

This text consists of thoughts, folds and reflections about anorexia and other processes associated with the body, food and nutrition. I use cartography to carry out this writing, dialoguing with authors such as Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, Judith Butler, Michel Foucault and Sílvio Gallo. Here are lines produced by the marks, crossing territories of anorexia between empty and full, connecting personal experiences, art, philosophy, and... in becomings permeated by affections. Initially, I reflect on a cartographic work that takes place through the body and through the marks; then I draw an autobiographical report related to anorexia; then I think of anorexia in dialogues with Deleuze and Parnet; in continuity, I bring some becomings experienced by the encounter with works by the artist Susano Correia; and, finally, I think about possible escapes to take care of yourself, life and the other, scaping processes of disempowerment of the body, reflecting, in zigzags, on possibilities of living and re-existing.

Keywords

Body, Food, Difference Philosophy.

Tiago Amaral Sales

Universidade Federal de Uberlândia

Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU). Mestre e Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU); e do GPECS - Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Bolsista CAPES.

tiagoamaralsales@gmail.com

Corpo, marcas, cartografias

Ler é o alimento de quem escreve.

[...] escrever é enfiar um dedo na garganta.

Carta de Caio F. a José Márcio Penido (ABREU, 2019, p. 172)

Um corpo não é vazio. Está cheio de outros corpos, pedaços, órgãos, peças, tecidos, rótulas, anéis, tubos, alavancas e foles. Também está cheio de si mesmo: é tudo o que é.

Jean-Luc (NANCY, 2012, p. 43)

Vazios e cheios, doces e amargos¹, dores e delícias² ... A vida não é unicamente linear e nem se constrói apenas em retas. Viver é um emaranhado de linhas, curvas, retas, segmentos e intensidades que seguem, mudam, dobram, transpassam, zigzagueiam. Viver é mergulhar no caos. Em meio as linhas encontram-se vazios cheios de potências em suas virtualidades; também existem os espaços vazios de potência, cheios de esgotamentos, dúvidas e cansaços. Existiriam possibilidades para preencher estes vazios e seguir caminhando no emaranhado de linhas? E por que preencher os vazios? Não seriam eles potentes justamente em suas aberturas, nos territórios indiscerníveis que abrem espaços para que inusitados germinem? Deixo estas perguntas em aberto.

Me movo à procura de respostas em pensamentos, percepções, reflexões, apontamentos e possibilidades. “Um pouco de possível, senão eu sufoco”, afirmou Gilles Deleuze (2013, p. 135). Olhos atentos aos possíveis. Olhares sensíveis: estar poroso aos afetos que permeiam e marcam a vida. Ao marcar, estes afetos geram potências para a produção de novos mundos, mundos virtuais, possíveis e impossíveis, à espera.

Nos formamos a partir dos fluxos que atravessam as nossas vidas. Fluxos em movimento que se geram nos encontros entre corpos e vidas, entre afetos e desejos, em tramas de composições, que segundo Suely Rolnik (1993a, p. 242)

Tais composições, a partir de um certo limiar, geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura. Rompe-se assim o equilíbrio desta nossa atual figura, tremem seus contornos. Podemos dizer que a cada vez que isto acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros (ROLNIK, 1993a, p. 242).

A partir destes estados inéditos, nos transformamos, criamos novos mundos: somos marcados por estes fluxos e as conexões deles resultantes. As marcas “são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo” (ROLNIK, 1993a, p. 242). Marcas³ que se instauram em nossas vidas, desestabilizando o que existia e criando algo novo: “Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir” (ROLNIK, 1993a, p. 242).

Este é um texto escrito pelas marcas. Marcas que surgiram a partir de vivências formativas e transformativas, repletas de sentimentos e

1

Inspirado na música “O doce e o amargo” de João Ricardo e Paulo Roberto, gravada pela banda Os Secos e Molhados.

2

Inspirado na música “Dom de Iludir” de Caetano Veloso.

3

Também escrevo cartograficamente com as marcas nos trabalhos Cartografias do Cerrado: devires, marcas e forrageios em processos de pesquisa-transformação de um biólogo (SALES, 2020) e Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga (SALES; ESTEVINHO, 2021).

permeadas por encontros com o desconhecido. Tais marcas foram também potência para a produção de outras escritas, movimentos, transformações, mudanças... São marcas que permeiam os sabores, o paladar, a boca, a língua, a fome, a dor, o vômito e também criam um texto acadêmico.

O trabalho com o pensamento - aquilo que, em princípio, se desenvolve numa prática acadêmica, sob a forma de estudo, escrita, ensino - diz respeito fundamentalmente às marcas, sua violência, nosso desassossego. Me explico: se a marca coloca uma exigência de trabalho que consiste na criação de um corpo que a existencialize, o pensamento é para mim uma das práticas onde se dá esta corporificação. O pensamento é uma espécie de cartografia conceitual cuja matéria-prima são as marcas e que funciona como universo de referência dos modos de existência que vamos criando, figuras de um devir (ROLNIK, 1993a, p. 243-244).

Para realizar esta escrita, utilizo a cartografia como caminho para tatear processos que envolvem o corpo e a alimentação, percorrendo-os com a potência das marcas. O pesquisar-cartográfico consiste em “dar língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2011, p. 23), e do cartógrafo “se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias” (ROLNIK, 2011, p. 23). Cartografia que consiste no “desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros mundos: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos” (ROLNIK, 2011, p. 23), em processos contínuos de pensamento e criação.

Penso com as marcas, em desassossegos, permitindo a passagem e expressão dos afetos, em devires. Assim como Rolnik, acredito que “dá para dizer que são as marcas que escrevem” (ROLNIK, 1993a, p. 246). Assim, cartografo processos que envolvem a comida e os comerem permeando os devires que atravessam o meu corpo e os corpos-dos-outros, em conexões, oscilando aqui na escrita entre singular e plural.

Algumas marcas resultam de processos de dor e sofrimento, sendo também feridas. Tais feridas são geradas ao longo da vida, precisando de atenção e cuidado para que não nos intoxiquem e impeçam nossos fluxos vitais. Acolher as feridas é permitir que elas se cicatrizem e, durante estes processos, transformá-las em potências, em embriões para a criação de novos mundos e formas outras de (re) existir. Rolnik (1993a) chama esses machucados da vida de “marcas-ferida”, e reflete na escrita como forma de curá-los, expurgando os venenos nelas existentes:

Eu dizia que escrevo por necessidade. Considero que a escrita “trata”. Me explico: além do trivial caseiro do desassossego que a move e a faz criar um mundo onde encontramos um novo equilíbrio, a escrita tem um poder de tratamento em relação àquilo que chamo de “marcas-ferida”. Refiro-me a marcas de experiências que produzem em nós um estado de enfraquecimento de nossa potência de agir que ultrapassa um certo limiar, uma espécie de intoxicação. Uma marca deste tipo permanece portadora de um veneno que pode a qualquer momento vir a se espalhar e contaminar tudo. Ora, a escrita, enquanto instrumento do pensamento, tem o poder de penetrar nestas marcas, anular seu veneno, e nos fazer recuperar nossa potência (ROLNIK, 1993a, p. 247).

As marcas geradoras desta escrita são marcas-ferida minhas que, durante o fim da infância e início da adolescência, surgiram a partir de processos de dor e adoecimento relacionados com a alimentação.

4

Me inspiro na noção de “cuidado de si” trabalhada por Michel Foucault e, em especial, na entrevista de 1984 publicada no livro *Ditos & Escritos V* intitulada de *A ética do cuidado de si como prática de liberdade* (FOUCAULT, 2010). O filósofo francês afirmou que, para os gregos e romanos, “para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si” (FOUCAULT, 2010, p. 268). Sobre o “cuidado de si” em Foucault, Fabiana Marcello e Rosa Fischer afirmam que “o cuidado de si pressupunha ainda, como referido, uma forma de atenção e, como tal, uma forma particular de olhar. Olhar para onde? Para si mesmo. Trata-se, mais do que isso, de uma espécie de “conversão do olhar” (Foucault, 2004b, p. 14), que permitiria uma volta do exterior para o si e, com efeito, para o próprio pensamento. A atitude de estar atento àquilo que se pensa seria indissociável daquilo que se faz, que se pratica e que se exerce diante dos outros e diante do mundo. Por fim, o cuidado de si é marcado por um princípio de movimento, que envolve deslocamento e ação; transformação e trabalho. Ou seja, o cuidado de si designa um conjunto preciso (e austero) de práticas e exercícios – dizendo de outra forma, todo um conjunto de técnicas (tecnologias do eu) que se exerce sobre si mesmo com o fim último da transformação, da modificação, da transfiguração de si. Práticas e exercícios que sugerem um labor, árduo e contínuo, persistente e interminável, a partir dos quais o indivíduo se constrói, paulatinamente, como sujeito” (MARCELLO; FISCHER, 2014, p. 165).

5

Trecho da música “Dom de Iludir”, de Caetano Veloso.

6

Sobre a comida e os encontros através dela vividos, escrevi o texto *Comida e Encontros: conexões entre políticas, histórias, culturas e afetos* (SALES; CARVALHO, 2020).

Obesidade, dietas restritivas sem acompanhamento de profissionais da saúde, vômitos forçados, emagrecimentos exagerados e um diagnóstico de anorexia marcaram este período de vida e também marcam esta escrita: escrever pelas feridas semi-cicatrizadas, que ainda doem e pulsam mas movimentam em direção a futuros outros, com cuidado de si⁴ e do outro.

Escrevo pelos sabores, degustando cores e cheiros, mastigando, ruminando, deglutindo e digerindo memórias. Me alimento pelas letras e palavras, movido por marcas, saboreando o que está marcado na pele, na boca, na língua, nos olhos, nos desejos. Coloco-me em movimento de cartografar as dores e delícias que permeiam uma vida, pensando que “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é⁵”. Quiçá até faço aqui o ensaio de uma marcografia: uma cartografia pelas marcas e os afetos que nelas pulsam.

Vazios e cheios

O comer faz parte de nossas vidas, participando de processos coletivos, em movimentos de encontros⁶. De onde vem os nossos alimentos? Quais mãos os produzem? Como afetam os nossos corpos? Como nos relacionamos com os alimentos? De que formas o comer perpassa o nosso corpo? Comer é encontrar: consigo, com o outro, em movimentos e intensidades.

Pensar em comida é pensar em corpo e afetos: afetos que atravessam um corpo que os sente e com eles vibra. Rolnik (2018, p. 53) diz que o afeto:

Não deve ser confundido com afeição, carinho, ternura, que correspondem ao sentido usual dessa palavra nas línguas latinas. É que não se trata aqui de uma emoção psicológica, mas sim de uma “emoção vital”, a qual pode ser contemplada nessas línguas pelo sentido do verbo afetar - tocar, perturbar, abalar, atingir; sentido que, no entanto, não se usa em sua forma substantivada (ROLNIK, 2018, p. 53).

Comer afeta o corpo: a mesma comida que entra pela boca é mastigada, deglutida, digerida, absorvida e distribuída para as células, os tecidos, os órgãos e os sistemas orgânicos, permitindo assim que o corpo tenha energia para se movimentar, manter-se vivo, pulsar. Também pela boca pode-se ingerir o veneno. A personagem idosa da avó africana no conto A avó, a cidade e o semáforo, de Mia Couto, reflete que “cozinhar é o mais privado e arriscado ato. No alimento se coloca ternura ou ódio. Na panela se verte tempero ou veneno” (COUTO, 2009, p. 60) e completa que “Cozinhar não é serviço. [...] Cozinhar é um modo de amar os outros” (COUTO, 2009, p. 60). Inspirado na anciã da narrativa de Couto, penso que a comida pode ser amor e veneno, dor e delícia, doces e amargos.

Entre pausas para degustar um café, um lanche, um chá, um almoço, uma janta, em encontros, construí estas reflexões, botando o dedo na garganta, no papel e no teclado para escrever, materializando pensamentos permeados de sabores, com gostos e texturas. Tracei tessituras textuais cartografando processos de conexões entre comida-e-corpo que aqui se seguem: um breve relato autobiográfico relacionado à anorexia e outros devires do corpo e da alimentação; reflexões sobre a anorexia e seus vazios-e-cheios em diálogo com leituras de Gilles Deleuze e Claire Parnet; escritas sobre o corpo, os órgãos, a boca, os comeres, os vazios e os cheios, em devires inspirados nas obras do artista Susano Correia; e por fim, alguns pensamentos acerca da possibilidade/necessidade/urgência de “escapar” - em movimentos de ziguezague - na preservação, cuidado e re-invenção da vida.

Permita que eu fale e não as minhas cicatrizes⁷

7

Trecho da música “AmarElo” de Emicida, gravada com participação de Majur e Pablla Vittar.

8

Inspiro-me de forma aberta e livre, experimentando os afetos em mim agenciados a partir da leitura da noção de “coragem da verdade” de Foucault. Sobre a “parresía” ou “coragem da verdade” para Foucault, Marcello e Fischer (2014, p. 171) refletem que “não se trata, portanto, da “revelação” do ser mesmo do sujeito (como é o caso da confissão), mas a uma dinâmica que instaura – justamente ao contrário – um ponto de tensionamento, já que elevado a uma verdade que transforma, e não que absolve”.

Desculpai-me mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino. Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?

Ricardo S. M. em A Hora da Estrela (LISPECTOR, 2019, p. 15)

Senti ser necessário fazer um breve relato sobre algumas experiências que vivi e que geraram marcas e marcas-ferida em meu corpo, sendo embriões para a criação do pesquisador que hoje sou e da escrita deste texto. Ao relatar a mim mesmo, me construo: crio narrativas de minhas histórias, revisito outros momentos, outros eus, em processos de conexão e diálogo com o outro que me interpela. Segundo Judith Butler (2017):

O sujeito sempre faz um relato de si mesmo para o outro, seja inventado, seja existente, e o outro estabelece a cena de interpelação como uma relação ética mais primária do que o esforço reflexivo que o sujeito faz para relatar a si mesmo. Além disso, os termos usados para darmos um relato de nós mesmos, para nos fazer inteligíveis para nós e para os outros não são criados por nós: eles têm caráter social e estabelecem normas sociais, um domínio de falta de liberdade e de substituíbilidade em que nossas histórias “singulares” são contadas (BUTLER, 2017, p. 33).

Relato numa trama de narrativas construídas em meio às normas às quais fui submetido, me recriando ao formular estas linhas do tempo, em seus afetos e marcas engendrados. Ao falar de mim, busco traçar caminhos que desviem da “confissão” apontada por Michel Foucault (2013) em A vontade de saber - mesmo que corra, a todo momento, o risco de cair na prática confessional -, e inspiro-me na “coragem da verdade”⁸ - também abordada por Foucault - para (re) escrever trajetos de uma vida em suas sinuosidades e deformações, refletindo no que percorri a partir dos processos que vivi. Quem relata sou eu, não as cicatrizes. A cicatriz existe como lembrança da ferida, mas uma cicatriz sozinha não pode relatar-se: quem diz é um corpo inteiro, uma vida, com suas marcas e cicatrizes, histórias e geografias.

Desde criança tenho uma relação muito forte com a comida. Acompanhava as mulheres da minha família na cozinha, aprendendo a cozinhar várias receitas tradicionais de Minas Gerais. A comida sempre foi possibilidade de encontro meu com os outros: outras pessoas do ambiente familiar, outros sabores, outras experiências, outras vidas dos territórios em que percorria. Por volta dos meus sete anos de idade eu comecei a engordar. Até então eu era uma criança magra e tinha uma vida que considerava tranquila. Ao me tornar uma criança gorda, tudo isso mudou: comecei a ser piada dos colegas de escola e também ouvi palavras dolorosas de familiares que para mim eram tão importantes. Eu não vi, de início, um problema em estar gordo. Meu corpo tinha mudado, sofrido transformações, assim como trocar os dentes de leite, crescer o cabelo e ficar uma cicatriz depois de um corte na pele. Marcas no corpo. De repente o estar gordo tornou-se uma grande cicatriz em toda a minha pele, atravessando meus tecidos dérmico-físico-adiposos e sociais: estar gordo modificava as formas com que as outras pessoas se relacionavam comigo. Deixei de ser quem eu era e passei a ser outro: a criança gorda, a criança motivo de piadas, a criança que ninguém quer ser: quem quer ser o outro quando apenas o eu é valorizado e tido como digno de existir?

Sofri muito ao viver todos estes processos, me levando a uma procura desesperada por um emagrecimento rápido e milagroso, porém, em meio a tanta dor e estresse, o comer aparecia como uma fuga, um conforto, um aconchego. A gordura que me esquentava e protegia também era a que me

aprisionava e modificava os olhares perante a mim, inclusive os meus comigo mesmo. Nessa procura desenfreada pela perda de peso, me envolvi com diversas dietas mirabolantes facilmente encontradas na internet: comer por dias apenas maçãs, cortar todos os carboidratos da rotina, fazer longos jejuns... até que descobri outras “dietas” não divulgadas abertamente por sites de emagrecimento, mas presentes a tempos em discursos populares e até compartilhadas pelas “musas fitness” que se promovem nos ambientes digitais, como relata a influenciadora digital Alexandra Gurgel⁹. Essas “dietas” eram na verdade receitas mortíferas fantasiadas de processos de emagrecimento rápido: coma tudo o que tiver vontade e depois force o vômito, passe o dia bebendo apenas refrigerante sem açúcar, sinta vergonha por ter prazer ao se alimentar, sinta vergonha do seu corpo, sinta vergonha de ser você. E assim este processo de dor foi tomando proporções maiores.

No início desse processo - que não tem o começo e nem o fim bem delimitados - juntamente das dietas mirabolantes, eu também fazia exercícios físicos como caminhar quilômetros diariamente, às vezes sem me alimentar antes, ou andar no sol em dias quentes com blusas de frio. Com o passar do tempo, emagreci um pouco, mas estagnei. Assim, decidi ter atitudes mais “drásticas”: comer e depois forçar vômitos, ficar muitas horas e, às vezes, até mais de um dia sem comer nada ou ingerindo pequenas quantidades de comida, “viver” a base de água, maçã, refrigerantes sem açúcar, entre outras práticas. Assim, passei a emagrecer rapidamente. Perdi alguns quilos nas primeiras semanas e comecei a receber elogios na escola e na família - instituições de controle e produção da subjetividade tão presentes e atuantes nesses processos e em tantos outros, meus e de demais pessoas... -, elogios esses que caminhavam em direção ao incentivo para continuar a emagrecer. Após alguns quilos a menos, recebi olhares estranhos e, rapidamente, esvaziaram-se os elogios, dando espaço para comentários aparentemente cheios de preocupações.

A procura por um corpo magro foi esvaindo os sinais de vitalidade que em mim existiam, dando espaço para ossos, olheiras, feições de cansaço e de tristeza. Seria um corpo emagrecido, com olheiras e ossos à mostra, necessariamente, uma imagem de doença e de proximidade com a morte? Junto de dezenas de quilos perdidos, foi-se esvaindo a minha vida: meu corpo foi perdendo a sua força e se despotencializando cada dia mais.

Por ser gordo recebi críticas e ofensas. Ao começar a emagrecer, elogios. E quando emagreci “demais”, vieram preocupações e desespero. As modulações de meu corpo-em-mudança impactavam diretamente nas minhas relações com os outros: eu era um Outro cambiante, em constante mutação. “Quem ele é? O que ele é agora? Gordo? Magro? Anoréxico? Doente?” eram perguntas que ecoavam e me atravessavam. Ser mutante, em transformação. Temporariamente adoecido e com as forças esvaídas, precisei de ajuda e de tempo para mudar novamente e encontrar um lugar mais propício para a vida proliferar. Fui levado a um médico que, violentamente, me ameaçou de cercear a minha liberdade em processos tidos como terapêuticos, e, de prontidão, não aceitei. Naquele momento, ainda adolescente, já percebia o poder médico¹⁰ em uma de suas tentativas de capturar o corpo. Com apoio familiar, psicoterapia e o tempo, reaprendi a comer e a viver. Potencializei o meu corpo novamente, agora de outras formas, construindo modos outros de viver e de re-existir. Encontrei e criei possíveis.

Reaprender a comer, reaprender a viver: pela boca transformei todo o meu corpo. Não consigo pensar na comida separada de todas as outras partes do corpo: o corpo não é parte, o corpo é conexão. Após o período mais intenso da anorexia eu não era mais gordo, era um adolescente de doze anos muito magro, com poucos músculos e imunidade enfraquecida em

9

Alexandra Gurgel - conhecida em seus canais digitais como “Alexandrismo” - em seu livro *Pare de se odiar: porque amar o corpo é um ato revolucionário* (GURGEL, 2018) relata que influenciadoras digitais com muitos seguidores, por ela chamada de “musas fitness” incentivam práticas anoréxicas, bulímicas e possivelmente prejudiciais para a saúde física e mental, como “uma dica simples para ‘não furar a dieta’: tirar uma foto pelada (um nude), enviar para uma amiga e pedir para ela vazar essa imagem caso se coma alguma ‘besteira” (GURGEL, 2018, p. 63), e “comer pelada em frente ao espelho. Isso seria uma forma de sentir vergonha e comer menos” (GURGEL, 2018, p. 63), completando que “é, na verdade, um exercício de ódio ao próprio corpo. Terrível em todos os sentidos” (GURGEL, 2018, p. 63). Gurgel traz outros exemplos: “malhar em jejum, praticar exercícios com plástico filme enrolado no abdômen, dieta com 300 calorias, cheirar a comida, beber água e fingir que é comida, fazer montagens de sua cabeça em outro corpo, colocar foto sua pelada na porta da geladeira, passar um dia na sauna para desinchar” (GURGEL, 2018, p. 63-64), refletindo que “as pessoas acreditam nisso, seguem esses conselhos e estão acabando com a sua saúde mental, desenvolvendo transtornos alimentares, além de um movimento de autodepreciação gigantesco no qual o seu corpo se torna motivo de vergonha até mesmo para você” (GURGEL, 2018, p. 64). Além disso, Gurgel relata que algumas “musas fitness” realizam práticas ilegais, afirmando que “a grande esmagadora maioria das musas fitness não é nutricionista ou educadora física, o que é um problema gigantesco, já que elas indicam exercícios, treinos exaustivos, receitas e dietas afirmando que aquilo é o que dá certo com elas ‘e você pode fazer também” (GURGEL, 2018, p. 61), levando algumas delas a serem denunciadas.

decorrência dos processos extremos e violentos os quais desejei e fora submetido. Além desses fatores físicos, algumas feridas não estavam cicatrizadas. Feridas estas que geraram marcas, pulsando por anos e necessitando de atenção constante: olhos atentos ao vivido, um cuidado-de-perto com a vida, com a saúde, com o corpo e com a alimentação. Urge a necessidade de um cuidado atento, pois o doce flerte com o perigo seduz ao levar o corpo ao seus limites, mas pode descarrilar-se em morte.

No ano seguinte deste processo de adoecimento profundo e proximidade com a morte tive a oportunidade de morar com o meu pai¹¹, indo para outro estado, tendo contato com outros cheiros e sabores, reaprendendo a comer e a viver: novos processos de mudança e aprendizado. Engordei, atingindo o peso tido como saudável para alguém da minha idade e altura. Encontrei novos equilíbrios na instabilidade constante que habita a vida. Lá voltei a cozinhar, inventando outras receitas, descobrindo temperos e sabores diferentes dos que estava habituado em minha cidade natal a partir das vivências que tive nas feiras livres, barraquinhas, casas e pessoas daquele novo lugar. Nessas derivas degustativas encontrava comigo mesmo em novos contextos e momentos.

Depois de muitas transformações e metamorfoses eu estava mais forte e, paradoxalmente, sensível à vida. Me recordo de Deleuze, em seu abecedário, relatando suas experiências com problemas de saúde e refletindo que ter a saúde fraca o deixava mais sensível para a vida:

Pensar é para mim estar à escuta da vida. Não é o que acontece com si próprio. Estar à escuta da vida é muito mais do que pensar em sua própria saúde. Mas acho que uma saúde fraca favorece este tipo de escuta. [...] Para mim, a doença não é uma inimiga, pois não é uma coisa que dá a sensação da morte, e sim, que aguça a sensação da vida. Não é no sentido de: "Ah, como gostaria de viver e quando estiver curado, vou começar a viver!" Não é nada disso. Não há nada de mais abjeto no mundo do que um bon vivant. Ao contrário, os grandes vivos são pessoas de saúde muito fraca. Voltando à questão da doença, ela aguça uma visão da vida, uma sensação da vida. Quando falo em visão da vida, em vida ou em ver a vida, é ser tomado por ela. A doença aguça e dá uma visão da vida. A vida em toda a sua potência, em toda a sua beleza! (DELEUZE; PARNET, 1995, p. 49-50).

Tal período de adoecimento me permitiu estar mais sensível à vida: sensibilidade que aconteceu em processos de desestabilização do corpo, e, nessa procura por novas possibilidades de existir, aguicei os meus olhares. Essas feridas não desapareceram, mas cicatrizaram com o apoio de profissionais qualificados, (auto)cuidado e atenção-para-mim. As feridas transformaram-se em marcas, marcas-ferida que se curaram, pouco a pouco, com o tempo, mas que continuam pulsando e me movimentando. Passar por essas experiências de extrema dor e proximidade com a morte relacionada à comida me fez refletir na vida e no comer por outras perspectivas às quais estava acostumado, a partir de experimentações extremas e singulares.

Ao relatar essas histórias, cartografando os fluxos e caminhos de uma vida, não consigo trazer uma verdade total do que aconteceu comigo - seria isso possível? Relato perspectivas, construo narrativas que tateiam passados, sentem as cicatrizes e as marcas-ferida, respondendo um pouco à interpelação de relatar a mim mesmo. Costuro as memórias em seus fios desconexos, compondo um mosaico com os cacos dos meus trajetos-vida.

Pensando novamente com Butler (2017), reflito que:

10

Ao relatar sobre a sua relação com a saúde, as doenças e os tratamentos, Deleuze comenta sobre os médicos e o poder médico: "Não é uma questão pessoal, pois eu conheci muitos médicos encantadores. Mas é um tipo de poder ou a forma como eles manipulam este poder que me parecem detestáveis. [...] A maneira como manipulam o seu poder é detestável. Como médicos, eles são detestáveis. Tenho um profundo ódio, não pela pessoa dos médicos que, em geral, são encantadores, mas pelo poder médico e pela maneira como usam este poder" (DELEUZE; PARNET, 1995, p. 49).

11

Escrevo e revisito essas vivências pelas primeiras vezes nos dias que completam um mês da morte de meu pai, Wisley Falco Sales, devido à pandemia de covid-19 que atingia intensamente o Brasil e o mundo, em meados de 2020. Estes acontecimentos - tanto a vida, existência e presença quanto a morte de meu pai, assim como a pandemia de covid-19 - geraram marcas em mim que também movimentam estas e outras escritas, como o texto Cartografias de Vida e Morte em Territórios Pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga (SALES; ESTEVINHO, 2021).

O relato que dou de mim mesma no discurso nunca expressa ou carrega totalmente esse si-mesmo vivente. Minhas palavras são levadas enquanto as digo, interrompidas pelo tempo de um discurso que não é o mesmo tempo da minha vida. Essa “interrupção” recusa a ideia de que o relato que dou é fundamentado apenas em mim, pois as estruturas indiferentes que permitem meu viver pertencem a uma sociabilidade que me excede (BUTLER, 2017, p. 51).

Penso no que fui e no que sou ao mesmo tempo em que também estou impedido de relatar de forma total o que aconteceu: a vida, fluxo (des) contínuo, caminho sem volta, acontece no meio, e assim “o relato que posso fazer de mim mesma tem o potencial de se desintegrar e ser destruído de diversas maneiras” (BUTLER, 2017, p. 54). Mesmo com essa fragilidade - ou, quem sabe, justamente graças a ela -, este relato tem potência: pode criar novos eus, novos mundos, mover pensamentos e transformar um corpo-vivo em constante movimento. Pode, quiçá, desintegrar molecularmente o que entendo como eu, ressaltando a sua provisoriidade e fragilidade, rompendo as separações entre eu e outro.

“As histórias não captam o corpo a que se referem. Mesmo a história deste corpo não é totalmente narrável” (BUTLER, 2017, p. 54). Este corpo é muito mais que cicatrizes, que cheios e vazios, gorduras e magrezas, anorexias e obesidades: é um corpo-movimento, em transformação, em mutação.

Experienciei dores e delícias relacionadas ao corpo, em conexões com os comer e os cozinhar. Tateei vazios e cheios. Em mergulhos, busco um equilíbrio, mas não um equilíbrio estático-concreto. Busco um equilíbrio num movimento de equilibrista, na procura de dançar pelos altos e baixos da vida, pelas sinuosidades que embelezam e também podem atenuar a vida, em trajetos de pensar nas minhas relações com a comida e com o mundo que me circunda, em movimentos cheios de força e vida, em multiplicidades e inconstantes mudanças. Estou no meio, onde a vida acontece, de olhos abertos e com o corpo atento aos perigos e potencialidades que existem nestes caminhos.

Mergulhando nos vazios e cheios: diálogos com Deleuze e Parnet

Mergulhar nos vazios e cheios, nadar nas incertezas, submergir. Revisitar os porões, olhar para as feridas e as marcas, permitir ser permeado pelos afetos e escutar o que ressoa. Pensar sobre a anorexia, aprender com ela, comigo, com o meu corpo, agora com outros olhos para me guiar nos caminhos de minha vida na medida em que também os construo.

Deleuze e Parnet (1998) me ajudam a olhar estes processos, ao traçar uma “Homenagem a Fanny: caso de anorexia” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 128). Os autores pensam nos territórios da anorexia de forma ampla, e aqui decidi trazer alguns trechos que me permitem debruçar nestes processos, nas políticas, devires e acontecimentos que neles atravessam. Segundo eles, a anorexia:

Trata-se de fluxos alimentares, mas em conjunção com outros fluxos, fluxos vestimentares, por exemplo [...]. O anorético compõe para si um corpo sem órgãos com vazios e cheios. Alternância de enchimento e de esvaziamento: as devorações anoréticas, as absorções de bebidas gasosas. Não se deveria falar sequer de alternância: O vazio e o cheio são como dois limiares de intensidade, trata-se, sempre, de flutuar em seu próprio corpo. Não se trata de uma recusa do corpo, trata-se de uma recusa do organismo, de uma recusa do que o organismo faz o corpo sofrer. De modo algum regressão, e

sim involução, corpo involuído. O vazio anoréxico não tem nada a ver com uma falta, é, ao contrário, uma maneira de escapar à determinação orgânica da falta e da fome, à hora mecânica da refeição (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 128-129).

Entre vazios e cheios, a anorexia consiste em fluxos - sejam eles alimentares, vestimentares ou corporais - que buscam enganar e subverter o corpo e a sua lógica orgânica, compondo para si um corpo sem órgãos. Mas, até quando seria possível manter esse corpo sem órgãos? Jean-Luc Nancy reflete que o corpo “mesmo a título de corpo sem órgãos, ele tem uma centena de órgãos, cada um dos quais puxa de um lado e desorganiza o todo que nunca mais chega a se totalizar” (2012, p. 51). Entre órgãos e a sua ausência, a anorexia é uma traição ao organismo, um flerte com os vazios e os cheios que instauram-se provisoriamente em um corpo.

A anorexia pode ser uma série de tentativas de escape: às determinações de alimentação, à saúde, ao peso, ao corpo que não se reconhece, que se nega e se tenta transformar, mudar, destruir, mesmo que precise de machucá-lo e levá-lo a situações extremas.

Há todo um plano de composição do anoréxico, para se fazer um corpo anorgânico (o que não quer dizer assenlado: ao contrário, devir-mulher de todo anoréxico). A anorexia é uma política, uma micro-política: escapar às normas do consumo, para não ser objeto de consumo. É um protesto feminino, de uma mulher que quer ter um funcionamento de corpo, e não apenas funções orgânicas e sociais que a entreguem à dependência¹². [...] Há política desde que haja contínuo de intensidades (o vazio e o cheio anoréxico), emissão e captação de partículas de alimentos (constituição de um corpo sem órgãos, por oposição à dietética ou ao regime orgânico), e sobretudo conjugação de fluxos (o fluxo alimentar entra em relação com um fluxo vestimentar, um fluxo de linguagem, um fluxo de sexualidade: todo um devir-mulher molecular no anoréxico, seja ele homem ou mulher). É o que chamamos de um regime de signos. Não se trata de modo algum de objetos parciais (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 129-130).

Viver a anorexia é político nas formas micro: políticas moleculares, diminutas, que atravessam brechas e agenciam os desejos. A anorexia é também devir: os “devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10). Devir-inorgânico, devir-vazio do cheio, devir-cheio do vazio. Devires que percorrem o corpo, atravessando-o em suas porosidades, deslocando-o e desestabilizando-o. Devires que, em muitos momentos, também destroem o corpo, dando espaço para algo por vir.

Segundo os autores, o sujeito que experiencia a anorexia vive um devir-mulher, independente de seu gênero. “Há todos os devires que são minoria. As mulheres não adquiriram o ser mulher por natureza. Elas têm um devir-mulher. Se elas têm um devir mulher, os homens também o têm. [...] Todos os devires são minoritários” (DELEUZE; PARNET, 1995, p. 31). Devir-mulher é se aventurar nas linhas de fuga da existência-mulher: devir-escape ao machismo, aos padrões, à violência, nunca sendo a mesma, sempre à espreita de ser outra. E como devir-mulher sendo um homem-que-passa-pela-anorexia?

A experiência da anorexia é associada também à pressão estética, produto de uma sociedade que coloca um corpo magro e padronizado como objeto-fim único possível de alegria e felicidade, pressão essa que é, nas sociedades ocidentais contemporâneas, nitidamente maior para a mulher e os corpos tidos como femininos, mas também atravessando o corpo-de-homem, corpo masculino, também capturando-o e produzindo-o: dupla

12

Sobre este funcionamento anoréxico, continuam: “Ela voltará o consumo contra si mesma: será, na maioria das vezes, manequim – será, na maioria das vezes, cozinheira, cozinheira volante, ela dará de comer aos outros, ou então gostará de estar à mesa sem comer, ou então multiplicando a absorção de pequenas coisas, de pequenas substâncias. Cozinheira-manequim, uma mistura que só pode existir nesse agenciamento, nesse regime, ou então que vai se dissolver nos outros. Seu objetivo é arrancar da comida partículas, minúsculas partículas das quais poderá fazer tanto seu vazio quanto seu cheio, conforme as emite ou recebe” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 129).

Ao relatar sobre a sua relação

culpabilização, seja pela pressão e criação de padrões estéticos, seja pela dissidência do que se espera de uma vivência masculina em modelos binários que só permitem vidas enquadradas em distopias de homem ou mulher, macho ou fêmea, gordo ou magro, saudável ou doente. Assim, em um devir-protesto, tentativa de fuga do próprio corpo, dupla captura nos limites da saúde-doença, da existência e da conformação do corpo, aprofunda-se nos vazios e cheios: devir-mulher em paixões e intensidades permeadas de perigos potencialmente mortíferos.

O anoréxico é um apaixonado: ele vive de várias maneiras a traição ou o duplo desvio. Ele trai a fome, porque a fome o trai, sujeitando-o ao organismo; ele trai a família porque a família o trai sujeitando-o à refeição familiar e a toda uma política da família e do consumo (substituir a isso um consumo interrompido, mas neutralizado, asseptizado); enfim, ele trai o alimento, porque o alimento é traidor por natureza (ideia do anoréxico, que o alimento está cheio de larvas e de venenos, vermes e bactérias, essencialmente impuro, daí a necessidade de escolher e de extrair dele partículas, ou de cuspi-las novamente). Estou morrendo de fome, diz ela, precipitando-se sobre dois “yogurts dietéticos”. Engana-a-fome, engana-a-família, engana-o-alimento. Em suma, a anorexia é uma história de política: ser o involuído do organismo, da família ou de uma sociedade de consumo (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 129).

Em devires, por entre vazios e cheios, paixões e delírios, viver uma traição ou o duplo desvio, traindo o corpo, o desejo, a família, a escola, a medicina, a norma, as vontades: trair a própria vida. Trair o alimento que permite energia-de-vida, recusar o encontro possível a partir do comer, ingerir quantidades mínimas e insustentáveis: ter medo desse encontro entre o corpo e a comida. Recusar, repugnar, detestar, se afastar, fugir. Se isolar, caminho em direção ao escuro. Apagões, desmaios, tombos, cicatrizes. Estar vivo?

É verdade que a psiquiatria ou a psicanálise não compreendem, porque elas rebatem tudo sobre um código neuro orgânico, ou simbólico (“falta, falta...”). Surge, então, outra questão: porque o agenciamento anoréxico corre o risco de descarrilhar, de tornar-se mortífero? Que perigos ele sempre beira, e em quais ele cai? É uma questão que deve ser colocada de maneira diferente de como a psicanálise a coloca: é preciso procurar quais são os perigos que ocorrem no meio de uma experimentação real, e não a falta que preside a uma interpretação preestabelecida. As pessoas estão sempre no meio de um empreendimento, onde nada pode ser assinalado como originário. Sempre coisas que se cruzam, jamais coisas que se reduzem. Uma cartografia, jamais uma simbólica (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 130).

Limites. Linhas tênues entre vida e morte. Cartografias de vida-e-morte¹³. Enganar o corpo e ser capturado pelas cobranças e imposições violentas: linhas mortíferas que distorcem suas visões, nevoeiro que embaça e confunde, levando às profundezas escuras, frias, solitárias, dolorosas... A energia se esvai. Um último respiro, clarão nos olhos. Mergulhar em vazios.

Sobre o vazio, o personagem Rodrigo S. M. em *A Hora da Estrela* me dá uma pista, dizendo: “Mais do que isso, nada. Mas o vazio tem o valor e a semelhança do pleno. Um meio de obter é não procurar, um meio de ter é o de não pedir e somente acreditar que o silêncio que eu creio em mim é resposta a meu - a meu mistério” (LISPECTOR, 2019, p. 14).

Escapar?

13

Outro texto em que também traço cartografias de vida-e-morte é *Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga* (SALES; ESTEVINHO, 2021).

Devires e transbordamentos com obras de Susano Correia

Devir-mulher, devir-criança, devir-animal. Devir-vazio do cheio, devir-cheio do vazio, devir-comida, devir-inumano. Devir-anorético? Devorar pelos olhos, narizes, ouvidos. Comer pela boca, mas não apenas: comer pelo corpo, deglutir, vomitar. Devorar tudo o que aparece pela frente, em um fazer-cartógrafo antropofágico, pois “o cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago” (ROLNIK, 2011, p. 23).

Assim, embarco em devires: dupla-captura do corpo, da comida, dos vazios e dos cheios. Encontro inspirações e potências nas obras do artista Susano Correia, que abordam corpos humanóides repletos de vazios-e-cheios. Um Corpo sem Órgãos?

Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto - o CsO - mas já se está sobre ele - arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante do deserto e nômade da estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 12).

Corpo sem Órgãos que se encontra no meio, permeado e permeante, vazio e cheio. Corpo no qual nos alimentamos pela boca, pele, olhos, mãos, narizes, coração, em contatos. Transbordamos em conexões.

Com a Imagem 1, penso nos vazios. Vazios humanos, bio-psico-sociológicos, geográficos, subjetivos. Vazios infinitos, profundos, preenchidos ora por lembranças, ora por comida, ora pelos gases do refrigerante, muitas vezes pelo nada. Abismos de si.

Figura 1: Homem face a face com o abismo (Obra de Susano Correia, disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bf6txe9jeyc/>).

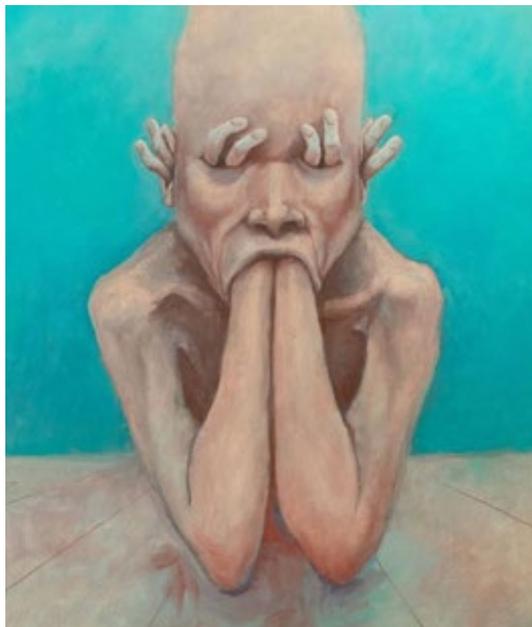


Como nos relacionamos com os nossos vazios? Precisamos preenchê-los? E teria como? Será que eles não são mais importantes estando simplesmente vazios? Estes vazios permitem possibilidades de viver,

inventar e reinventar, de experimentar, de criar, de experienciar: o vazio como espaço aberto, território para criar o novo. Vazios que quebram e também constroem. Vazios que preenchem. Vazios produtivos. Vazios: embriões de possibilidades.

Na Imagem 2, o vazio-de-si transborda também por si-mesmo: devorar o próprio corpo? Angústia, medo, vontade de fugir do vazio? De que forma estes vazios se relacionam com um devir-anoréxico? Devir-anoréxico que traça vazios, que engana o corpo no preencher-se por energias escassas, por substâncias efêmeras: ingerir água, refrigerantes sem calorias, comer e vomitar. Os orifícios do corpo funcionam como um transporte de fora para dentro, de dentro para fora: o “buraco” é uma passagem, espaço de dentro e fora, vazio e cheio.

Figura 2: Retrato da angústia (Obra de Susano Correia, disponível em: https://www.instagram.com/p/B_5zLutJjXd/).

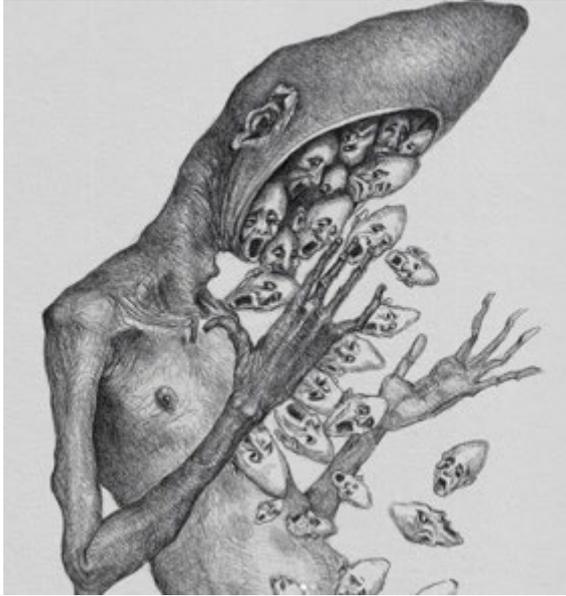


Seria possível enganar o vazio? Nesta tentativa, o anoréxico pode se enganar, se equivocar, cair em abismos perigosos: na ausência de energia, o corpo sucumbe. É um desejo de enganar o corpo e subverter a norma que pode descarrilar-se em movimentos mortíferos. Nos vômitos bulímicos, danifica-se o trato digestório. Nos longos períodos de jejum, pauperiza-se o corpo. Se alimentar das angústias nos devires diários de querer ser sempre mais - caminho para o colapso? Angústias que, quem sabe, poderiam ser acolhidas e exteriorizadas, não preenchidas desenfreadamente pela tentativa de preencher, de encher, de acabar com a insegurança que o vazio traz.

Pela Imagem 3, questiono: Quantos sou? “Quantos somos? Quantos podemos ser? Quantos de mim? Quantos de nós?” (BUENOZ, 2009, p. 4). O que habita dentro de mim e de nós? O que nos une e o que nos separa? Quantos outros vivem dentro do eu? Eu que preenche o vazio de outros, e outros, e outros, até supitar. Quebra do eu, dissolução pelo devir. Desesperos, movimentos de procura - desejo de retorno? Explode, sai da boca e atinge diferentes lugares, criados pelos outros: o olhar-do-outro nos cria também. Somos devorados pelas interpelações do outro e vomitamos quem somos e quantos somos, em narrativas e intensidades, em multiplicidades: os outros que nos olham e ditam sobre o nosso corpo, as pressões estéticas cotidianas dos outros que habitam o nosso corpo

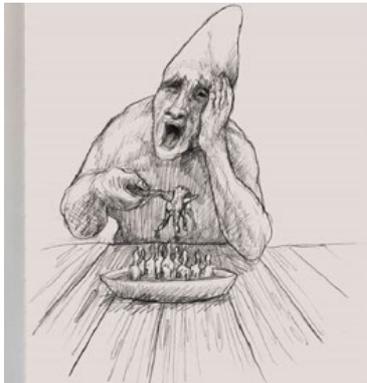
conosco, apontando o que percebem e rotulam como anormalidades, imperfeições e feiuras a serem escondidas e eliminadas. O desejo dos outros, o desejo de ser outro, o desejo de ser: extravasa. A resistência, o vômito, o expurgo. O que fazemos com o que fizeram de nós. A mudança, a coragem de ser outro, a força de criar um novo mundo.

Figura 3: Caindo em desespero, na procura do eu (Obra de Susano Correia, disponível em: https://www.instagram.com/p/B_n2ml6J0dc/).



Já na Imagem 4, sou atravessado pelos processos de fome e saciedade. “Você tem fome de quê? Você tem sede de quê?”¹⁴ questionam os Titãs. A banda responde: “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte. A gente não quer só comida, a gente quer saída para qualquer parte”. Fome de comida, de bebida, de prazer, de dor, de arte, de diversão: desejo urgente de se alimentar, de forjar saídas para qualquer parte. Na fome, penso nos processos que nos levam ao que comemos: comemos o que nos é indicado pela ciência, pela mídia, pelos olhares de reprovação. Comemos ideias de um corpo idealizado, de um corpo impossível e inatingível. Comemos o nosso próprio sofrimento e de outros corpos que também sofrem, também adoecem, também desejam diversão e arte. Deglutimos em movimentos - e perigos - de vida.

Figura 4: Homem saciado comendo homens esfomeados (Obra de Susano Correia, disponível em: <https://www.instagram.com/p/BtC1fDRBUM8/>).



14

Música “Comida” de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto, gravada pela banda “Titãs” para o álbum “Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas” de 1987.

O que é comida? Alimento orgânico, carboidrato-proteína-gordura? Calorias, calor? Comida é o calor que aquece o corpo, combustível que movimenta a vida? Calor que vem de frutas, legumes, verduras, carnes, sangue, vísceras e afetos. Calor-afetivo. Calor da carne humana: calor-do-corpo, dos músculos, dos órgãos. Calor-dos-corpos: energia que acontece nos encontros, no meio, nos movimentos.

Comemos outros corpos? Corpos vegetais, animais, humanos. Nos devoramos a partir dos encontros. Devorar-o-outro na construção de quem eu sou? Pensar em exteriores...

O exterior é, por excelência, o lugar do outro. Um pensamento do exterior é um pensamento do outro. Mas não do outro como um “outro eu”, e sim do outro enquanto tal, do outro que está, inclusive, no eu. Afirmar o pensamento do exterior significa afirmar a diferença como diferença, sem um retorno ao mesmo (GALLO, 2008, p. 9).

As Imagens 3 e 4 me remetem a esse devorar-e-vomitare o outro: pelo exterior, pela diferença, e... Entra e sai pela boca, pelo corpo, sempre em movimento. O outro é diferença: vidas em suas multiplicidades, sempre destoando da unidade.

O que é o outro e o que é o eu? Depende do ponto de vista de quem pergunta, depende do momento em que é feita a pergunta. “Eu sou trezentos, sou trezentos-e cinquenta”, como no poema de Mário de Andrade, multiplicidade que se singulariza, aquém de qualquer individualidade fundada num sujeito que é idêntico a si mesmo, como quiseram e querem os modernos (GALLO, 2008, p. 13-14).

Com as Imagens 5 e 6, penso em corpos habitando outros corpos em contaminações transbordantes: outros, e outros, e outros: multiplicidades. Corpos emagrecidos, esqueléticos. Ausências? Vazios-do-corpo, perda de músculos, ausência de energia. Despotencialização. Esvaziamento de vida? Na cabeça habitam germes: embriões de novos mundos¹⁵, outros seres, diferenças à espera da possibilidade de germinar. Corpos magros, coletivos e solitários, também corpos solidários, em apoios. Corpos que sentem, amam, sofrem e vivem. Corpos próximos da morte? A morte está para a vida como única certeza, como continuação do caminho, como caminho sem volta - será? Da boca nasce uma flor: florir pela boca que come, vomita, fala, beija, e... juntamente dos olhos, florescer para o novo, para o outro, para a vida. Movimentos de re-existir, um devir-outro. Fugir em direção à vida. Escapar?

Figura 5: Amor eterno (Obra de Susano Correia, disponível em: <https://www.instagram.com/p/B4Qm4N5pg2X/>).



15

Inspirado em Rolnik (2018) e nos germes de novos mundos.

Figura 6: Homem sufocado com sua própria delicadeza (Obra de Susano Correia, disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBRZVgxJcPf/>).



16

Música “O Doce e o Amargo”, gravada pela banda Secos e Molhados no álbum “Secos e Molhados” de 1974.

17

Deleuze e Guattari (2011, p. 48), ao falarem do conceito de rizoma, cunhado como oposição ao paradigma arbóreo-linear-hierárquico, trazem que “A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48).

Doces e amargos: escapar em ziguezagues

Beber o suco de muitas frutas
 O doce e o amargo
 Indistintamente
 Beber o possível
 Sugar o seio da impossibilidade...
 João Ricardo e Paulinho Mendonça¹⁶

Nas inconstâncias da vida, beber o suco de frutas variadas, saborear as dores e delícias, os doces, e amargos, e salgados, e azedos, e... e... e...¹⁷ Olhar para a vida, buscar forças, criar forças, potencializar-se a partir dos encontros. Criar encontros. Criar possíveis. Potencializar o corpo e pelo corpo. Buscar formas de escapar das imposições, das perseguições, das pressões, dos limites que cerceiam, da violência que machuca e tenta fazer morrer. Colocar-se em movimento ativo de criação, de resistência, de produção. Cuidar de si e do outro, criar formas outras de re-existir, ter a coragem de dizer a verdade em meio às interpelações violentas.

Escapar, inspirado em Sílvia Gallo e Renata Aspís (2011, p. 174): “criar novas formas de subjetividade, resistência”. Criar novas formas de comer, de ingerir, de digerir, de energizar-se, de permear e ser permeado pelos vazios e cheios.

Escapar por encontros calorosos, pela atenção, pelo coletivo. Escapar pelo cuidado de si e pela coragem da verdade, pois “cuidar de si e dizer a verdade constituem, em suma, artes do pensamento e da experiência de alteridade” (MARCELLO; FISCHER, 2014, p. 172). Criar linhas de fuga como um rizoma que cresce subterraneamente, em conexões com a vida que resta, e pulsa, e luta para persistir. Construir linhas de fuga que apoiem na sustentação do corpo-ferido, na procura por forças em suas marcas: necessidade de energia do alimento para recuperar a vitalidade e assim curar-se. O remédio é, nesse momento, motivo de maior medo. Torna-se urgente então criar um novo mundo, novas estratégias, ferramentas e formas de existir, de se alimentar, de viver e de se cuidar, através dos encontros e do desejo de permanecer, de proliferar, de perseverar. Criar novos possíveis.

Ao falar sobre Deleuze, Peter Pál Pelbart (2008) afirma que:

18

Inspirado em Rolnik (2011).

Deleuze insiste: um corpo não cessa de ser submetido aos encontros, com a luz, o oxigênio, os alimentos, os sons e as palavras cortantes – um corpo é primeiramente encontro com outros corpos, poder de ser afetado. [...] Como então preservar a capacidade de ser afetado? Não seria preciso cultivar uma certa porosidade, até mesmo uma fragilidade, uma sensibilidade que nos devolvesse o poder de ser afetado? Mas como ter a força de estar à altura de sua fraqueza, ao invés de permanecer na fraqueza de cultivar apenas a força? (PELBART, 2008, p. 12).

Escapar pelos afetos: movimentar as aberturas para a fragilidade da vida em suas vulnerabilidades, se abrir para as fraquezas na construção de forças, por entre encontros-potência na criação de mundos outros. Pensar no corpo-outro, em um corpo-arte, corpo-vivo, corpo-vibrátil¹⁸: corpo que vibra pelos afetos. Afetar e ser afetado pela comida e os encontros por ela possibilitados, pelos desejos, pelas marcas. Caminhar em diferenças:

Se considerarmos que a essência da vida consiste em diferenciar-se, podemos dizer que conquistar uma certa capacidade de acolher o estranho, ou seja, de apreender-viver a existência em seu construtivismo, é uma condição fundamental para a efetuação da vida. Da amplitude desta capacidade de acolher o estranho-em-nós, depende o vigor com que a vida se afirma em nossa existência (ROLNIK, 1993b, p. 37).

Aprender a existir, resistir e re-existir pelas diferenças, ou melhor, nas diferenças, território de vida. Existir no outro e em si mesmo. Rachar o eu, romper com o que me separa do outro: conectar, contaminar, rizomar. Conectar consigo e com o outro pela comida, pelas mordidas e sabores: doces e amargos, dores e delícias, degustando, afetando e sendo afetado, sentindo, permanecendo poroso. Em movimentos, preservar a vida. “Ezzzzcapar” em Z, de ziguezague. Ziguezaguear?

O ZZZZ da mosca, o ziguezague da mosca. O Z é o ziguezague. [...] O que acontece com o Z? O Zen é o inverso de nez [nariz], que também é um ziguezague. É o movimento... a mosca... O que é isso? Talvez seja o movimento elementar, o movimento que presidiu a criação do mundo. Neste momento, estou lendo sobre o Big-Bang, a criação do universo, a curvatura infinita, como tudo se fez... A base de tudo não é o Big-Bang, mas o Z. [...] O Big-Bang deveria ser substituído pelo Z, que é o Zen, que é o trajeto da mosca (DELEUZE; PARNET, 1995, p. 78).

Em ziguezagues, criar linhas de fuga, construir rotas em conexões: cuidados, encontros, comidas, e... se aventurar nas diferenças, na imprevisibilidade da vida, em devires. Devir-mulher, devir-criança, devir-inumano, devir-comida, devir-cheio do vazio, devir-vazio do cheio. Devir-outro: ser outro na diferença, na impermanência, na incompletude.

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou — eu não

aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre

portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que

compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora,

que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.

Perdoai.

Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso renovar o homem usando borboletas (BARROS, 2010, p. 374).

Pensar com Manoel de Barros na riqueza da incompletude do homem, na precisão de ser outros, e outros, e outros... Homem, mulher, não binário, cis, trans, magro, gordo, alto, baixo, negro, branco, hetero-homo-bi-assexuado.... Saudável? Doente?

Romper com pensamentos prescritivos, rachar os binarismos, se abrir para a diferença: ser outro, e outro, e outro: devir. Ser nas singularidades, nas brechas, nas beiradas. Renovar essa existência com as insignificâncias: borboletas, insetos, quicá com o nada. Comida? Renovar a vida com a comida e pela comida: alimento para todo o corpo, conexão em ziguezagues, escapando de movimentos que capturam a vida, que a limitam.

Visitar as feridas, marcas e marcas-ferida, desintoxicando, expurgando o veneno que ainda dói, não desejando apagar as cicatrizes, mas permitir que o corpo siga em movimento, seja outro, e outro, e outro... e... e... e... Curar. Cuidar de si e do outro. Criar a partir da impermanente incompletude. Equilibrar-se em ziguezague, nos balanços da equilibrista que anda na corda bamba da vida. Alimentar o corpo com o cuidado, afetar-se pelos encontros, em potências de vida, em movimentos de diferença, tateando os caminhos em devires e procuras, construindo mundos outros a cada dia, a cada existência e reexistência possível.

Sobre o artigo

Recebido: 23/09/2020

Aceito: 20/11/2021

Referências bibliográficas

- ABREU, C. F. **Morangos Mofados**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BARROS, M. de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BUENOZ, P. L. Marcas: Sem Nome. **ouvirOUver**, Uberlândia, v. 4, n. 2, 2009.
- BUTLER, J. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- COUTO, M. **O fio das missangas**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. III. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Abecedário de Gilles Deleuze**. Éditions Montparnasse: Paris, 1995 [Filmado em 1988-1989].
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade (1984). In: **Ética, Sexualidade, Política**. Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense, 2010, p. 264-287.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

GALLO, S.; ASPIS, Renata Lima. Biopolítica-vírus e educação-governamentalidade e escapar e... **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 37, n. 2, p. 167-179, 2011.

GALLO, S. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 1-16, 2008.

GURGEL, A. **Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

MARCELLO, F. de A.; FISCHER, R. M. B. Cuidar de si, dizer a verdade: arte, pensamento e ética do sujeito. **Pro-Posições**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 157-175, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73072014000200009>.

NANCY, Jean-Luc. 58 INDÍCIOS SOBRE O CORPO. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 42-57, 2012.

PELBART, P. P. Vida e Morte em Contexto de Dominação Biopolítica. **Instituto de Estudos Avançados (Iea) da Universidade de São Paulo**, São Paulo, p. 1-20, 2008. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

ROLNIK, S. A Morte de Félix Guattari. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 35-40, 1993b.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2011.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 241-251, 1993a.

SALES, T. A. Cartografias do cerrado: devires, marcas e forrageios em processos de pesquisa-trans-formação de um biólogo. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 466-482, 2020. DOI: 10.46667/renbio.v13i2.358. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/358>. Acesso em: 5 jul. 2021.

SALES, T. A.; CARVALHO, Daniela Franco. Comidas e encontros: conexões entre políticas, histórias, culturas e afetos. **Contraponto**, Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 143-161, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/108975>. Acesso em: 29 out. 2021.

SALES, T. A.; ESTEVINHO, L. de F. D. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 275-293, 2021a. Disponível em: <http://seer.unirio.br/revistam/article/view/10487>. Acesso em: 5 jul. 2021.